

ALGUNS DIAS EM SETEMBRO

um filme de Santiago Amigorena

com Juliette Binoche, John Turturro, Sara Forestier, Tom Riley, Mathieu Demy, Saïd Amadis

2006 | Itália, França, Portugal | 1h 56min | M/12

Festival de Veneza – Selecção Oficial

TIFF – Toronto International Film Festival

Mar del Plata Film Festival – Competição Internacional

1 de Setembro 2001. Elliot (Nick Nolte), um espião americano desaparece sem deixar rasto, levando consigo uma informação crucial acerca do futuro imediato do mundo. O seu principal objectivo é rever a filha, Orlando, que abandonou dez anos antes. Organiza então um encontro, através de Irene (Juliette Binoche), uma amiga de longa data, para o qual convida também David, o seu filho adoptivo. No entanto serão perseguidos por William Pound (John Turturro), um assassino a soldo sem escrúpulos, desde Paris até Veneza, onde se encontrarão com Elliot no dia 11 de Setembro.



«Quando li o guião, conseguia ver e sentir o argumentista. Era um papel que nunca tinha desempenhado; o de um agente secreto. Recusava filmes com agentes secretos em Hollywood porque as personagens femininas me pareciam sempre objectificadas.»

Juliette Binoche, *Time Out*

«ALGUNS DIAS EM SETEMBRO» - UMA CAÇA RECREATIVA AO HOMEM

O escritor e argumentista Santiago Amigorena assina uma primeira obra jubilatória com o 11 de Setembro como pano de fundo e uma deslumbrante Juliette Binoche.

Um *thriller*, no universo de espiões norte-americanos à escuta do Médio Oriente, que nos leva de Paris a Veneza e onde bebemos vinho branco. Um filme de *suspense* com sangue que flui, onde os heróis se divertem como crianças. Uma história de família onde se fala de política e os animais desfilam.

Alguns Dias em Setembro não pertence a nenhum género em particular, excepto o do filme realizado por um romancista que ama a palavra como poucos, o primeiro exercício de realização de um argumentista ávido de leitura, que muito sonhou acerca dos *décors*, das actrizes e das línguas estrangeiras e que está deseioso por imaginar um enredo obscuro [...] à volta do 11 de Setembro, para sugerir que o que aconteceu naquele dia vai muito além de Manhattan.

O filme está repleto de referências, mas há uma sem a qual *Alguns Dias em Setembro* não seria o que é (um filme tão pessoal e inesperado quanto humorístico): Juliette Binoche.

[...] Uma maestrina que dirige o mundo com a sua batuta, joga com o assassino que se lançou atrás dela com uma ironia e mestria rejubilantes, passa do encontro clandestino à gargalhada, fantasia sobre a anatomia de um jovem e acumula falas mordazes e divertidas.

A sua Irène Montano cria uma tartaruga, posa com coelhos e é encarregada de reunir os dois filhos de um tal Elliot, por razões que ignora. Encontra a filha, Orlando, que faz criação de gansos, escapa por entre os dedos do assassino, interpretado por John Turturro, que vai deixando um rasto de cadáveres enquanto cita grandes autores e telefona ao seu psicanalista. Resgata o filho, David, envolve-se numa luta de malas, embriaga-se e canta *Voyages, voyages* numa Veneza labiríntica e manda passear um indivíduo sinistro: «Já há muito tempo que deixei de tomar o pequeno-almoço com ratos.»

Elliot não é nenhum Godot, desapareceu, mas acabará por reaparecer (trata-se de Nick Nolte). É um espião que joga um duplo jogo [...], um agente problemático da CIA que faz tráfico de informações privilegiadas e consultor oculto de um banco atento às suas previsões geoestratégicas.

ANIQUILAR O PAI

Todos o procuram e é para o encontrar que se vigiam uns aos outros. Teve muitas mulheres, mudou de nome, adora a poesia. O assassino, disfarçado na noite, chama-se William Pound. William, como Blake, o poeta inglês, Pound como o americano, autor de *Os Cantos*, enterrado em San Michele, Veneza. É um chagal, ansioso por matar o pai. Orlando, a filha, também está irritada com o pai. Estes detalhes e referências literárias pertencem à ordem da obsessão e, ao mesmo tempo, revelam-se no filme com um piscar de olho. A intriga policial é um MacGuffin, um pretexto, e, quanto ao resto, uma coisa vai explicando a outra.

Alguns Dias em Setembro invoca Homero, contraria os apelidos e convenções de género, como o tabu do incesto. Conseguimos ainda saborear *consommé* de curgete com hortelã-pimenta.

Aprenderemos acerca das ligações entre todas estas personagens e outros detalhes que acabam por se revelar de pouca importância. O que encanta aqui é a alegria de Santiago Amigorena a fazer cinema [...] a mostrar as personagens a fazer asneiras [...], a tratar mal os seus telemóveis. A sua satisfação ao filmar Binoche enquanto esta imita um pato, a sair-se com uma tirada divertida contra os americanos por estes estarem errados, entre outras coisas, ao adorar Arnold Schwarzenegger. O prazer de filmar Veneza sem *clichés*, de combinar mistério e alegria de viver.

Por detrás da caça ao homem, há uma necessidade de recreação do trio infernal (os *enfants terribles*, irmãos falsos e a sua falsa mãe divertida). Uma certa forma de descobrir o amor, de aprender a partilhar pela metade pequenos títulos, herança ou *crème brûlée*.

★★★★★

Jean-Luc Douin, *Le Monde*

[Setembro, 2006]

